



O FUNDO DAS ÁGUAS

ANDRÉ SOUSA

Deitei-me à terra
e logo vieram as formigas inspectoras.
Avaliaram-me e disseram que me queriam
levar aos bocadinhos. Consenti.
Pedi no entanto que começassem
pelos pés; pelas peles secas
e pelas pequenas migalhas, que não sendo minhas,
aos meus pés estavam coladas.

Na água
antes o atrito ao impacto.
Podia até estar mais fria.

Um ar que já não pertence a Setembro,
a ameaça de trovoada e as pernas inchadas.
Um mergulho salvar-me-ia — seguro
pela a distância entre o mar e o trovão.

Saí apesar da ameaça
de chuva. Até ao lago, perímetro e retorno
não é muito. Exposto entre campos
fim de tarde — lento de verão.

Fogo-feito atravessando a estrada
na floresta que rodeia a bacia.
Entre árvores e arbustos
o caminho já se estreita
serpenteando veloz.
Veados, corças
e resinosas marcadas
pela exploração.
Cicatrizes a sarar
no lago — o eco ainda.

O céu muito cinzento,
vestes muito luminosas
e um homem muito branco.
Demasiado branco
para ainda ser chamado homem.
Uma ambulância ali é coisa rara.
Os olhos fechados — e as raízes e a caruma
cobrindo as irregulariddes do terreno.
A maca aos solavancos e os protocolos clínicos
“Ele está vacinado” diz uma das banhistas.

No dia seguinte T. disse-me
“Ontem morreu um homem junto ao lago.”
“Eu sei.”

O que vês pede
silêncio — e eu sussurro.
O pouco que vos conto
não contei a ninguém.
E este pouco
mais dirá sobre os dias,
do que sobre as coisas.

Eu trato do assunto,
“Do you think that culture is order?”
“Yes!” Acendes um último charuto,
a decisão está tomada.

O.
mostra-me as árvores doentes
e diz que aquela floresta, uma vez
definida húmida, é agora
considerada seca — padrões científicos.

E eu
penso nas árvores que plantei
rodeadas de alcatrão e vento.
E à floresta seguir-se-à um prado.
Não tarda nada, diz Oliver
ainda. Pois eu,
de volta ao meu lugar,
não imagino o vento a parar
nem o alcatrão a virar prado.

O sol já se põe
antes das oito horas.
Os termómetros
tratam com distância o número
vin-te.

Ainda se vindima ali,
já se orçamenta acolá.
O que aí vem — questão
para qual o conhecimento dos ciclos
não chega.

Oráculo — voz rouca
a poeta dizendo é tão *bonito*
e a palavra *combinado*
carregada de incerteza e medo.

A tília — na alameda
o chão batido e indiferente
a sementeiras e plantações.
As vergastadas de Agosto
e Setembro esvaziado
de razão.

Há muito tempo
um homem estrangeiro,
mais alto e de cabelos brancos,
disse-me *Forget*
the issue of declaration.
Eu caíra na armadilha
das explicações.

O FUNDO DAS ÁGUAS

ANDRÉ SOUSA

Washsee
Madeira
18x635x190cm

Tattoo
160x120cm

Dante's view
160x120cm

Resinosa I
160x120cm

Resinosa II
160x120cm

Resinosa III
160x120cm

Sem pé
160x120cm

Blitz-Blitz
160x140cm

Temperatura e precipitação
160x140cm

Rural
180x160cm

Elefante
160x140cm

Nascente-Poente
160x120cm

Acrílico s/ algodão
2022

[V. PDF]

Esta edição acompanha a exposição No Fundo das Águas, de André Sousa,
na Galeria Nuno Centeno. Nesta página são listadas as obras expostas.

Porto 19XI'2022